

Doenças infecciosas e consumo de carne: existe relação?

ALESSANDRA NAHRA



Image: Reprodução/Canva

O consumo de carne, especialmente a bovina, atualmente representa um dos maiores impactos ambientais ao planeta. A cada ano são criados e abatidos mais de setenta bilhões de animais terrestres para consumo humano — além de um número muito maior de animais aquáticos. Cerca de 75% das terras agricultáveis do mundo são utilizadas pela pecuária. No Brasil, onde vivem mais bois do que pessoas (221 milhões e 207 milhões, respectivamente, de acordo com dados de 2017 e 2018 da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a pecuária de corte é responsável por 20% das emissões totais de gases de efeito estufa. O desmatamento também é fonte de gases de efeito estufa, pois é realizado para dar lugar a pastagens ou para o cultivo de soja, monocultura que

normalmente alimenta o gado na forma de ração ou que é exportada. Entre os anos de 1990 e 2002, 80% do crescimento do gado bovino brasileiro ocorreram na Amazônia, sendo a maior parte da área desmatada transformada em pastagem.

Os efeitos do consumo excessivo de carne na saúde também são bem conhecidos. O consumo elevado de carne vermelha e processada vem sendo estudado em relação ao aumento do risco de doenças crônicas não transmissíveis como doenças cardiovasculares, diabetes tipo 2, obesidade e câncer. Além disso, vem-se discutindo que a produção de carnes também pode contribuir com o surgimento de novas doenças infecciosas. De acordo com o CDC (Centers for Disease Control and Prevention, organização ligada ao Departamento de Saúde e Serviços Humanos do governo dos

Estados Unidos), três de cada quatro novas doenças infecciosas têm origem zoonótica, ou seja, são transmitidas de animais para humanos. A gripe espanhola, que ocorreu no início do século XX, tem a origem controversa, mas ela pode ter sido a precursora dessa aproximação do homem e animais silvestres: há indícios de que o vírus, que habitava aves migratórias, teria infectado uma criação de porcos no Kansas, Estados Unidos. Em 1997, a gripe aviária (H5N1), por exemplo, surgiu em uma fazenda de frangos, em 2009 a gripe suína (H1N1) surgiu em uma criação de porcos e a doença de Creutzfeldt-Jakob provavelmente surgiu da encefalopatia espongiforme bovina. Além disso, acredita-se que a fonte do HIV, que causa a AIDS, seja o vírus da imunodeficiência símia encontrado em primatas, que teria sido transmitido para humanos por meio de sangue, durante abate para consumo.

Segundo Rob Wallace, biólogo e autor do livro "Pandemia e agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência" (Elefante & Igra Kniga, 2020), todos os vírus infecciosos que afetam os humanos podem estar relacionados, de alguma maneira, às criações industriais de animais. Um editorial de David Benatar no American Journal of Public Health, em 2007, já alertava: a criação em massa e o abate de animais podem ser a causa da próxima pandemia global. Além disso, a própria atividade humana, com o uso

de aterros sanitários ao ar livre, desmatamento e destruição de habitats naturais, somado à agropecuária, pode atrair ou forçar animais a se aglomerarem, afetando a circulação, evolução e movimento de patógenos. Essas alterações na ecologia são frequentemente as ações que mais propiciam ao surto de doenças em humanos, de acordo com Professor Runstadler da Tufts University.

Corta para 2020 e o mundo tentando lidar com a Covid-19, doença causada pelo vírus Sars-CoV-2, o novo coronavírus. Os coronavírus são comuns em animais, sendo que alguns infectam e causam doenças em humanos. Ainda não se sabe ao certo qual animal teria transmitido o Sars-CoV-2 para seres humanos pela primeira vez. Alguns estudos sugerem o morcego, outros relatam que o pangolim poderia ter sido um hospedeiro intermediário. Independentemente de qual animal transmitiu o vírus para os seres humanos, uma das maneiras pelas quais um vírus passa de um animal para o homem foi retratada no filme Contágio (2011). Tudo começa com a derrubada de árvores em uma floresta tropical para a instalação de uma fábrica, expulsando uma população de morcegos. Ao procurar abrigo em uma fazenda de porcos, um morcego deixa cair um resto de banana que havia comido e essa banana é ingerida por um porco — que em seguida é abatido e preparado em um restaurante. O chef de

"Três de cada quatro novas doenças infecciosas têm origem zoonótica, ou seja, são transmitidas de animais para humanos."



Imagem: Reprodução/Greenpeace/Daniel Beltrá

A maior parte da área desmatada da Amazônia é transformada em pastagem. O desmatamento possibilita o contato de animais silvestres e humanos, o que favorece a transmissão de doenças.

cozinha aberta a mão de uma frequentadora desse restaurante que, por sua vez, na mesma noite pega um avião para outro continente. Assim, o vírus inicia sua trajetória global.

O que se sabe até agora sobre o Sars-CoV-2 sugere que, assim como o vírus do filme (cuja transmissão e letalidade são muito mais violentas do que nosso atual vírus da vida real), pode ter surgido a partir da relação humana com os domínios silvestres — mais especificamente o espalhamento populacional sobre ecossistemas e a caça de animais silvestres. Nos ecossistemas em que se originam, vírus como o Sars-CoV-2 estão em equilíbrio nos seus reservatórios. Quando saem dos

ambientes naturais e entram no mundo dos humanos eles podem causar sérios problemas.

A insustentabilidade do sistema alimentar global está na origem dos problemas que nos trouxeram até a situação de uma grave crise de saúde pública surgida na esteira da emergência climática resultante de fatores antrópicos como o desmatamento e a queima de combustíveis fósseis. O sistema alimentar atual — e o consumo elevado de carne — traz consequências ambientais, sociais e de saúde pública que não podem mais ser ignoradas se quisermos garantir justiça ambiental e segurança alimentar e nutricional para agora e para as futuras gerações.